

O ideal republicano

RECORTES

SOCIEDADE

A Republica mantém-se em Portugal ha 18 anos vencendo dificuldades, atravessando procelas que a monarchia não poderia suportar. O regime monarchico, vacilante já em 31 de Janeiro de 1890 pelo empurrão de dois regimentos saídos ao Campo de Santo Ovidio, foi sumariamente vencido em 5 de Outubro pela obstinação de algumas dezenas de bravos aferrados á Rotunda. Como poderia ele haver resistido aos arremessos, ás offensivas de que a Republica tem sido constante alvo?

Conta Anatole France na sua adoravel «*Le des Pingouins*» que um monarchico francês, pancadeado em uma das investidas que os «*camelots du Roy*» fizeram contra a 3.ª Republica por trás do cavallo de Boulanger, explicava assim as sistematicas derrotas da causa a que pertencia:

—As monarchias são como nauas de alto bordo: muita vista, aspecto formidavel, e vão a pique logo que no porão se abre um veio de agua. Mas as Republicas são como as jangadas: metem ás vezes agua por todos os intersticios e não ha maneira de as meter no fundo.

Ha algo de verdade na pitoresca explicação mal intencionada do monarchico francês. Podemos bem dizer que em Portugal a Republica tem fluuado como uma jangada, sujeita á constante infiltração do odio monarchico, e ganhando apesar de tudo, dia sobre dia, amparo na consciencia nacional.

Diga-nos alguém de boa-fé se ha regime monarchico no mundo—não dizemos só em Portugal—que possa resistir com a benevolencia nobre—humilhante até para os vencidos, pelo desprezo que revela—com que a Republica portuguesa tem resistido pagando com constantes amnistias, e constantes perdões, os constantes assaltos dos monarchicos.

E a Republica resistiu. Tem vencido sempre, como sempre vencerá, tanto mais que, á sua propria vitalidade se acrescenta em Portugal a morte da monarchia que não chegou a ser derrotada porque não combateu—já não podia combater.

Podemos pois á vontade discutir os defeitos praticos da nossa Republica sem nos preocuparmos com os «*Cassandras*» de meia tijela que invocam por sistema os interesses do regime, as vantagens da união, quando al-

guem lhes aponta os defeitos o os erros. Podemos e devemos, porque o mais grave perigo para a Republica são os seus proprios defeitos. Se ela pudesse fracassar em qualquer fórma, não seria certamente pela esperança que a Nação depositasse de novo na já provada e reprovada causa monarchica, mas sim pelo desespero que os vicios da Republica viessem a provocar.

E dito isto, temos de confessar que o regime em que temos vivido fica ainda demasiado longe da Republica ideal. E' um dever, possivel de cumprir, aproximá-lo mais.

E' necessario, de uma vez por todas, caminhar ousadamente contra as iniquidades sociais, com actos que valham mais do que as palavras ócas ou hipocritas, com que se teem mascarado as realidades.

E' forçoso impedir que de futuro a Republica pertença aos gozadores ignobeis que nela teem visto apenas meio de satisfazer cubiças e ambições.

E' indispensavel que os republicanos portugueses saibam e queiram dizer como os grandes republicanos da Revolução Francesa, como Jaurés, como os homens que se bateram no 31 de Janeiro e no 5 de Outubro:

—A Republica é a justiça!

Ninguém pensará evidentemente que o regime republicano realiza tudo quanto a justiça exige. Mas todos devemos pensar que lhe cumpre caminhar para a Justiça, proclamar os seus principios, inscrevê-los na sua bandeira, e esforçar-se por traduzi-los nas suas instituições. E' a Justiça a sua razão de ser.

Quem quer que se diga republicano não pode opôr-se, aberta ou desfarçadamente, ás reformas exigidas pela justiça social. Se assim proceder é inconsciente ou criminoso.

E por isso o ideal republicano não dispensa a Democracia. A Justiça exclue todas as organizações politicas em que o Povo não dispõe de si proprio, em que o seu destino depende de um individuo ou de uma oligarquia. Em face dela a Nação ha de compôr-se de homens livres, com inteira consciencia da sua dignidade e da sua responsabilidade como cidadãos, conhecedores dos seus direitos e deveres, sabendo submeter-se á lei igual para todos e recusando-se a cumprir ordens de autoridades

PALAVRAS JUSTAS
Do «*Jornal de Noticias*», do Porto, nas «*Varias Notas*»:

LISBOA, 14.—Morreu o general B. de F. E' um grande portuguez e um grande militar que desaparece. Sobre a sua campa pode bem inscrever-se a legenda. «*Cumpriu sempre o seu dever*». E cumpriu alheio á politica de partidos e de classes; jamais alguém deixou de encontra-lo quando ele foi julgado necessario para qualquer missão difficil em que o seu amor por Portugal ou a sua abnegada paixão pela farda que vestiu e honrou foram postas á prova. Não vale a pena fazer confrontos. Se a hora fosse para isso alguns pretensos «*salvadores*» que aí andam, teriam de ser confundidos pela lealdade suprema, pela inexcedivel modestia e pelo culto da honra militar que fizeram da vida do general B. F. um nobre exemplo nestes tempos de delacção sistematica e de deslealdade legalizada em que somos obrigados a viver».

Da carta de Lisboa de 23, no «*Correio do Minho*»:

A LEI DAS INCOMPATIBILIDADES

O sr. ministro das finanças declarou que em face da gravidade do assunto, manifestada pelos inumeros e diversos casos individuais que com a lei da incompatibilidades se relacionam, ia pedir ao chefe do Governo que desse instruções especiais á comissão de censura no sentido do referido decreto poder ser objecto da mais ampla apreciação e critica da parte das pessoas independentes que se dedicarem ao estudo de tão importante problema.

Este diploma foi hoje muito comentado e discutido nos cafés e diferentes meios politicos.

A BIBLIA DA PATRIA

Parte no dia 3 para o Rio de Janeiro o sr. Afonso Lopes Vieira, que é portador do exemplar de uma edição nacional dos «*Lusiadas*» oferecido pelo Chefe do Estado ao sr. Presidente do Brazil.

Um grupo de literarios manda, por esse motivo, celebrar uma Missa pedindo a feliz viagem do illustre comissionado, depois da qual se dirigem a fragata, em Belém, onde haverá um banquete sem discursos nem brindes.

Sem discursos nem brindes, mas com missa.

MARECHAL GOMES DA COSTA

No Sud-espress chegou hoje, inesperadamente a Lisboa o sr. marechal Gomes da Costa.

FARMACIA MODERNA

Antiga da Calçada

Director — *João Pacheco Leite*

Aviamento de todo o receituário clinico

que não tivessem reconhecido e aceitado.

Assim, são hoje expressões sinónimas, Democracia e Ideal Republicano.

De «*A Noticia*»

Esteve em «*A Opinião*» o nosso amigo e assinante sr. Manoel José Ferreira, da lama.

—Vimos aqui os nossos amigos e patricios srs. Manoel Guimarães Esteves, residente no Porto, e Domingos Pereira de Sousa, actualmente na freguesia de Areias S. Vicente, deste concelho.

—Esteve em Braga o nosso intimo amigo sr. Eugenio Azevedo, distinto Chefe da Repartição de Finanças, em Famalicão.

—Esteve nesta vila o revd.º José Fernandes Rodrigues, illustre sacerdote de Braga e professor—secretario da extinta E. P. S. de Barcelos.

—Estiveram em Fafe os srs. Dr. Adelio Marinho e P.º Manoel e Antonio Vila Chã Esteves.

INCENDIO

Na quinta-feira passada, numa casa terrea, pertencente á sr.ª D. Benita Pontes, ao largo da Estação do C. de Ferro, manifestou-se incendio, tendo ardidado a pequena casita por completo.

Compareceram no local do sinistro as duas corporações de Bombeiros, desta vila e alem-Cavado, tendo estas chegado ao local do sinistro com os seus primeiros-prontos-socorros ao mesmo tempo.

Os Bombeiros desta vila, alem do seu auto-pronto-socorro, levaram uma bomba braçal.

No ataque, os Bombeiros desta vila trabalharam com a sua moto-bomba «*Delayer*» e uma bomba braçal, e os de Barcelinhos apenas com uma bomba braçal.

O sr. Emilio Vinagre, chefe do auto-pronto-socorro, não por amor, mas sim por rancor, ao ter conhecimento do incendio partiu imediatamente e numa corrida vertiginosa aos Bombeiros de Barcelinhos a dar parte do acontecimento, e daí acompanhou com o seu carro «*Liata*» o auto-pronto-socorro daqueles até ao local.

Mas antes de terem chegado ao local do sinistro, quando na passagem pela Avenida Alcaldes de Faria, o auto-pronto-socorro dos Bombeiros desta vila aproximou-se daqueles e no momento em que pretendiam fazer a passagem pelo auto de Barcelinhos, o sr. Emilio Vinagre coloca-se paralelamente com o seu carro com estes, propositadamente para não deixar avançar os Bombeiros de Barcelos.

Dado insistidamente o sinal de alarme pelo auto dos Bombeiros desta vila, pedindo a via livre para a sua passagem, o sr. Emilio Vinagre abandona a velocidade do seu carro, coloca-se ao centro da Avenida, teimando sempre em não se colocar na sua mão, e ainda abre o escape do seu carro, que por este motivo originou a completa cegueira dos nossos Bombeiros, a ponto de quasi terem de parar o seu auto.

Com isto, que não julgamos ser preciso chamar a intervenção das autoridades competentes, lembramos ao sr. Emilio Vinagre, e creia que com sincero desgosto lho dizemos, não tornar a fazer destas proezas, (permitam-nos o termo), e ainda lembramos-lhe o exemplo dos seus distintos colegas para casos desta ordem, que são muito evidentes.

